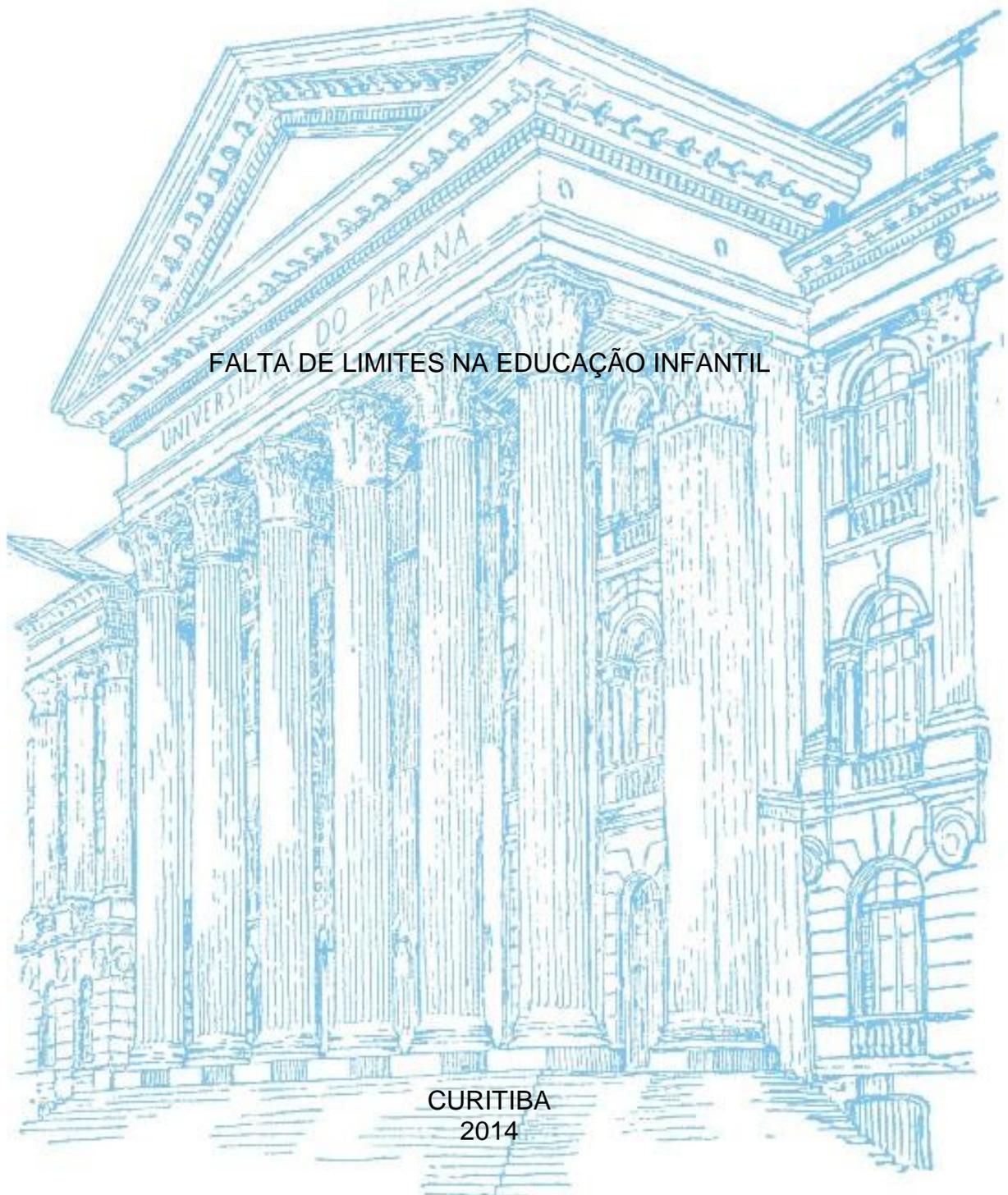


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

VALTER JOSÉ LOPES DA SILVA



FALTA DE LIMITES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

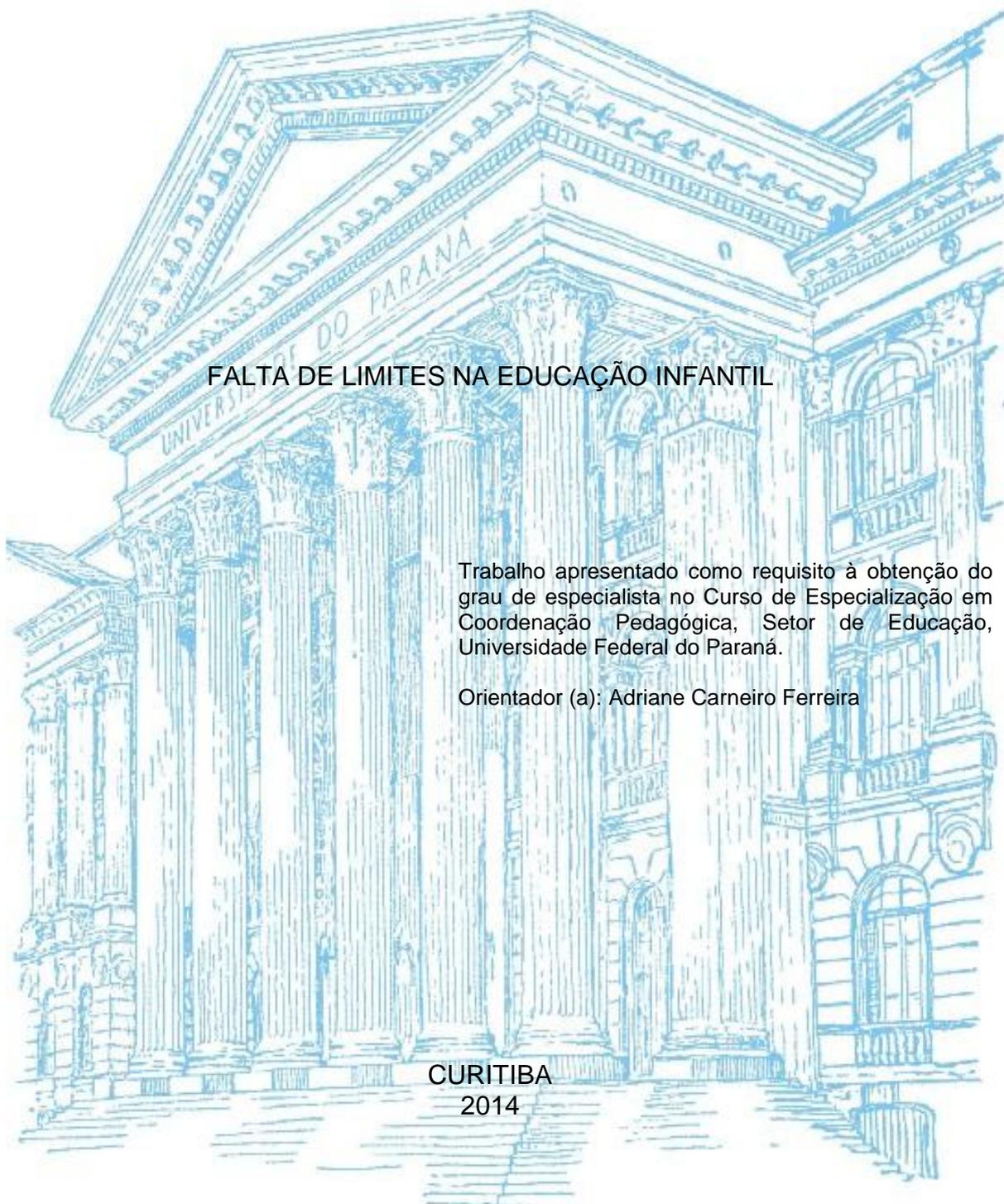
VALTER JOSÉ LOPES DA SILVA

FALTA DE LIMITES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Adriane Carneiro Ferreira

CURITIBA
2014



FALTA DE LIMITES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Valter Lopes¹

RESUMO

O presente artigo trata de uma análise reflexiva da ação docente com crianças de Educação Infantil. Parte da observação da realidade e de diferentes situações geradoras de angústia nas quais os docentes questionam-se se estão ou não agindo correto. Assim a questão dos limites dos alunos nessa etapa de escolaridade será o alvo das análises, visto ser o problema mais recorrente nesta observação inicial. Entende-se que esse é um campo delicado. Pais, educadores, especialistas e muitas vezes, até leigos arriscam um palpite. Apesar das diversas opiniões de autores e estudiosos, não foi possível encontrar soluções que ditam o que se deve ou não fazer em se tratando de crianças, de educação, de criação e de limites.

Palavras-Chave: Criança. Educação Infantil. Limites.

¹ Artigo produzido pelo aluno Valter Lopes do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Mestre Adriane Carneiro Ferreira. E-mail:

INTRODUÇÃO

Limite é um tema bastante complexo uma vez que envolve as crianças, mas também envolvem os pais ou seus responsáveis, a escola e todos aqueles que convivem com a criança. Por ser uma construção que se dá pela aprendizagem todos os envolvidos neste processo precisam estar conscientes sobre o seu papel nesta construção.

Desde pequeno, a criança precisa aprender que para tudo tem uma dose certa e esse ensinamento terá que vir dos pais.

No entanto, em nome da vida corrida, está havendo uma grande troca de valores. Em casa, a criança acaba sendo recompensada com inúmeros presentes e desejos satisfeitos para suprir a ausência da mãe e do pai. Há também a criança que é criada sempre levando surras, sofrendo castigos absurdos.

Como se observa, há dois lados para se analisar a criança e o limite. Porém, há uma instituição chamada escola que leva a culpa dos resultados desses tratamentos que acontecem em casa. Muitos pais acreditam que a escola é responsável pelo jeito de ser do seu filho.

A escola, não sabendo como agir, inibi o aluno rotulando-o de indisciplinado ou dizendo que o mesmo precisa de um psicólogo, de ajuda profissional.

Neste artigo, buscou-se falar do papel dos pais e também do papel da escola na questão dos limites.

1. AFINAL, O QUE SÃO LIMITES?

Limite é uma fronteira, uma demarcação e na área da educação é um tema ligado a moral que serve como discernimento para a aplicação de limites às crianças. O que solicita opção analisada de valores morais e éticos, de meios e de finalidades.

Segundo Aurélio (2001) limite é um ponto que não se pode ultrapassar ou não se deve ultrapassar. Limites, então, são regras de como funciona o mundo. Estabelecer limites, dito de maneira bem clara e simples é determinar aquilo que pode ou não pode. A base da cidadania é o limite. Quando não há limites, a criança ou adolescente encontrará muitas dificuldades para se integrar à vida em equipe. Pode ser transformado em um sociopata, um indivíduo que não respeita as regras da sociedade em que está inserido.

De acordo com La Traille (2006) o limite é algo que precisa ser construído pelo indivíduo por meio do processo de formação da moralidade. A aprendizagem é o ponto de partida para o indivíduo formar sua capacidade de respeitar e superar limites. Sabe-se que no mundo tudo é regido por regras, é essencial ter consciência sobre quais são os limites para que a criança possa tomar conhecimento dessas regras, procurando construir com autonomia sua identidade e suas condições de interação com o meio em que está inserida.

2. OS LIMITES E SUA CONSTRUÇÃO

A falta de limites pode ser tão ou mais prejudicial do que o seu exagero, por conta do sentimento de abandono e indiferença que tem o poder de provocar. Na área da educação nunca se falou tanto em limites quanto nos dias atuais.

A maioria dos educadores não sabe bem como proceder, na prática, com a questão do limite, embora os mesmos estejam de acordo com o estabelecimento dele. Ora sentem-se negligentes e se reconhecem como incapazes de manterem-se, a eles mesmos, dentro de determinados limites e ora têm sentimentos de culpa, arrependimento e dúvida em relação à aceitação e aplicação de regras de comportamento para as crianças.

Na visão de Tiba (2000) deve-se planejar a educação moral porque essa significa transmitir normas, valores e critérios que ultrapassam do simplesmente

legal. A criança não consegue se limitar sozinha, o que a detém a fazer certas coisas ou ter certas atitudes, são limites externos a ela, que a mesma não conhece, não entende. A sua limitação é por forças externas, não por proibições internas. Nesse contexto, se pode falar de verdade, de impor limites. Porém, estes precisam ser resultado de processos construtivos e não de meras imposições.

Portanto, é essencial sentir o limite como algo a ser elaborado pelo indivíduo, através do processo de formação. É partindo de suas aprendizagens, ocasionadas pelo professor e pela família, que a criança vai formando sua capacidade de superar limites e de respeitá-los.

Na concepção de Piaget (1994) entende-se que o problema dos limites está ligado ao desenvolvimento da moralidade na criança, sendo que esse limite depende das relações sociais que a criança está habituada. As relações de coação e de respeito unilateral, que acontece espontaneamente entre a criança e o adulto, ajudam para a construção de um primeiro tipo de controle moral e lógico. No aspecto intelectual, o respeito que a criança demonstra pelo o adulto tem por efeito provocar o surgimento de uma idéia anunciadora da noção de verdade: o pensamento deixa de aceitar simplesmente o que lhe agrada para de sujeitar com a opinião do ambiente.

Piaget (1994) ao indicar que a questão dos limites precisa ser compreendida como um processo de construção na criança, processo este que nada mais é do que o seu desenvolvimento moral o qual depende das relações sociais que ela estabelece, sugere que os limites então diretamente ligados à capacidade infantil de socialização e convivências bem sucedidas, de maneira que possa reconhecer e considerar os próprios limites e os dos outros. Assim sendo, a família e a escola, como espaços de convivência social, desempenham papéis essenciais no processo de construção dos limites infantis, papéis esses compartilhados, mas distintos.

3. OS LIMITES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na opinião de Tiba (2000) limites são ordens que fazem com que a socialização ocorra normalmente gerando uma convivência saudável constituindo atitudes e hábitos. É necessário encontrar equilíbrio naquilo que se espera e se ensina uma criança. Ela precisa aprender que pode fazer muitas coisas e outras não.

No universo da Educação infantil é preciso interferir evitando comportamentos que não estão adequados e reforçar os comportamentos positivos, esclarecendo que é mais sadio aceitar a substituição de um pelo outro. Sempre usando de muita tranqüilidade, carinho e compreensão, pois a criança não nasce sabendo como se comportar e se viver em sociedade. Ela sempre vai necessitar de uma pessoa adulta e responsável para auxiliá-la.

Desde bem cedo o educador precisa iniciar o trabalho com algumas regras. Para isso preparar atividades diárias como conversa de roda, isso é um momento onde as crianças poderão expressar suas idéias sem censuras, de maneira informal. Essa roda deve ser realizada com objetivos definidos, pois através dela pode-se conhecer melhor a criança e esse conhecimento pode trazer resultados positivos. Na roda é possível estabelecer juntamente com as crianças, regras necessárias em brincadeiras e jogos, assim como estabelecer a vez de cada falar, os momentos de sentar ou levantar, etc. As regras podem ser escritas juntamente com as crianças em quadros de avisos e devem ser pendurados em lugares que possam ser visualizados com facilidade.

Participando da elaboração de regras, as crianças aprendem a trabalhar em grupo e ao mesmo tempo desenvolvem sua autonomia. Mas, para isso acontecer, é essencial que o professor tenha total segurança sobre os limites que pretende estabelecer.

O educador também precisa ser verdadeiro com as crianças, sempre explicando porque isso pode fazer e aquilo não se deve fazer. Não deve abrir mão de sua autoridade, porém, precisa tomar cuidado para não se tornar prepotente ou deixar de dar valor à criança que deixe de cumprir alguma regra.

O entendimento, pelo educador, dos limites da criança para obedecer algumas regras e da maneira pela qual essa capacidade se desenvolve é essencial para possibilitar o seu direito de expressão.

Conforme La Traille (2006) os limites, quando preciso, devem recair sobre as ações e não sobre os sentimentos. O combinado é difícil de ser respeitado até mesmo pelos adultos. Para as crianças, tal condição pode ser uma pouco mais difícil, já que muitas vezes ela está, ao mesmo tempo, buscando obedecer ao adulto e buscando compreender o motivo por que aquilo não deve ser feito.

Nos instantes em que ela descumprir uma regra elaborada em equipe, o educador pode lembrá-la do que a equipe decidiu, mas é bom fazê-lo de maneira

que ela não se sinta humilhada perante aos colegas porque isso pode afetar sua autoestima.

Exercitar regras com as crianças é um trabalho que leva bastante tempo, que pede paciência, constância e boa vontade. Mas, fará essas crianças capazes de conviver de forma gostosa e saudável com as diferenças entre as pessoas, respeitando em seus limites e compreendendo a necessidade de respeitar os limites.

4. O PAPEL DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DE LIMITES

Para Polis (2006), independente da sua estrutura, a família deve ser e sempre será à base de sustentação no processo de colocar limites aos seus filhos e no processo de educar, sendo a maneira mais afetiva de fazer com que isto ocorra, processo essencial e que deve estar presente em todos os momentos de sua vida.

Chamar para si a responsabilidade pela educação dos seus filhos é estar ciente da precisão de se fazer mais presente na vida deles, de lhes dar atenção. É ter consciência de que ser coerente e justo em suas atitudes faz uma imensa diferença. Que é essencial procurar informar-se como conduzir de forma correta o andamento cotidiano em sua casa e zelar para que o relacionamento entre todos (pai – mãe – filhos e irmãos) seja construtivo e saudável.

Fazer-se presente significa envolvimento, colaboração, estar sempre atento a possíveis dificuldades comportamentais e cognitivas. A família é a sede da socialização, por ser a primeira estrutura social com a qual a criança mantém contato. Acaba se transformando no espaço que as normas e os valores sociais precisam ser repassados as gerações mais novas.

Os relacionamentos significativos que a criança vivenciar com os adultos a sua volta serão os responsáveis por estabelecer a noção de limites, a capacidade de se colocar no lugar do outro e o respeito à autoridade.

Já na visão de Tiba (2000) os pais precisam possuir autoridade sobre os filhos, sem precisar ser autoritários. Ao tomar determinada decisão, é importante explicar porque a tomou. E uma vez tomada, deve-se mantê-la, para que não haja perigo de conflitos entre o que é certo e o que não é. Para tanto é preciso refletir antes a respeito de como querem educá-los, e principalmente, que os responsáveis entrem em consenso na decisão tomada evitando que um desautorize o outro na

frente da criança. Os abusos começam a acontecer, quando há erros cometidos pelo grande controlador, que é a família, representada na figura dos pais.

Infelizmente, o que se observa hoje, são famílias bastante desestruturadas, vivendo relacionamentos cheios de conflitos. Parece que os pais perderam a direção e buscam um equilíbrio. As condições se apresentam de várias formas desde a agressão verbal até a física entre adultos e crianças que são obrigados a vivenciar essa situação e sofrem até mesmo maus tratos. O bem estar da criança precisa ser fundamental para os pais, mas o cuidado excessivo pode complicar o convívio social e originar comportamentos antissociais.

Pode-se afirmar com segurança que nos relacionamentos familiares houve acentuadas mudanças e se constata que a educação também sofreu transformações. Até pouco tempo atrás, os pais não necessitavam direcionar aos seus filhos para corrigi-los, bastava olhar para os mesmos e eles compreendiam se estavam sendo aprovados ou se estavam sendo advertidos. Os filhos não se atreviam a questionar a atitude dos pais ainda que esses tivessem cometido uma injustiça. No entanto, houve uma reação contrária a esse modelo de educação que terminou por levar as pessoas ao outro extremo.

Hoje, pais e filhos, estão perdendo o controle e o respeito entre eles ao ponto de escandalizar a sociedade brasileira ao tomar conhecimento de certas atitudes como pais que lançam seus filhos por janelas como se livrassem de algo insuportável, ou filhos que arquitetam roubos, sequestros e até a morte dos pais ou de familiares. Esse quadro, miseravelmente triste, atingiu todas as classes sociais. A nova geração de pais está perdida, procurando uma fórmula, um equilíbrio para conseguir comunicar-se com seus filhos.

Na concepção de Poli (2006) os indivíduos confundem autoridade com autoritarismo e esse seria o problema mais sério da maioria dos problemas em família. Não é essencial ser autoritário no seio familiar, pelo contrario, se conquista a autoridade com determinação, valor, respeito e posicionamento. As crianças identificam alguém com real autoridade e cumprem as regras que lhes são colocadas quando dialogadas.

Ainda na opinião de Poli (2006) ao observar os pequenos alunos que estão na faixa etária de 0 a 6 anos, pode-se dizer que o objetivo principal da criança é o prazer imediato, desejando, custe o que custar desde que satisfaça seus desejos e curiosidades. Esse período é conhecido como: hedonista, que significa a busca pelo

prazer. E junto ao período hedonista também se encontra o egocêntrico, ou seja, onde a criança prioriza a si e a seus desejos diante da realidade, ou seja, acredita que tudo e todos existem em sua função.

Entende-se que desde bem novinhos, as crianças, têm a capacidade de aprender a lidar com a responsabilidade e adquiri-la torna-se uma exigência obrigatória para a vivência em sociedade. Pode-se tomar como exemplo a liberdade de brincar com seus próprios brinquedos, porém é responsabilidade dos pais mostrar à criança que esse ato exige cuidados, ou seja, a necessidade de após brincar, guardar os brinquedos. Essa atitude desenvolve na criança o senso de organização e responsabilidade, que a mesma levará ao longo de sua existência.

Ainda no pensamento de Poli (2006) é essencial ter em mente que uma educação muito severa pode gerar filhos reprimidos ao extremo, filhos inseguros, filhos tímidos, filhos que tenham medo de se arriscar por recear a reprovação alheia, filhos infelizes.

Os pais que colocam limite a seu filho passam a ele segurança e proteção, tecendo desse modo um vínculo de respeito, no entanto, a criança que não recebe esse estímulo, acaba tendo atitudes negativas, como por exemplo, a birra, que é originada no instante de desejo, de impulso da criança, que não sendo imediatamente atendida pelos pais, se joga no chão, chora, grita, bate o pé e até mesmo avançam-nos. Para livrar-se do constrangimento, porque isso acontece normalmente em lugares públicos, os pais acabam cedendo. Outro fator que se deve considerar é a mordida que para a criança é um jeito de conseguir a atenção do adulto e ao ver seu objetivo alcançado, passa a repetir essa atitude sempre.

Conforme Ferreira (2009) verifica-se uma mudança radical e significativa, de algumas gerações para cá, dos pais em relação a limites e regras disciplinares em seus filhos. Antigamente, o jeito de educar os filhos acompanhava uma direção vertical, onde os pais impunham sua autoridade – de cima para baixo - sem nenhum questionamento. Passado um tempo, aquela geração, que fora massacrada pelo autoritarismo, quando ocupou o lugar dos pais, decidiu agir no extremo oposto, pois não desejavam aos filhos a autoridade que sofrera. Assim sendo, aconteceu em alguns casos a total ausência de limites e regras. Em alguns casos, chegou-se a dizer que não se podia falar “não” à criança, pois isso levaria a mesma a ter traumas.

As consequências estão sendo vistas atualmente em comportamentos antissociais. Entendeu-se, então, que há necessidade de limites para a existência humana, ainda que, a repressão possa causar a neurose. (FREUD, 1986, *apud* FERREIRA, 2009).

A frustração com o “não” causa seria necessária para o correto desenvolvimento psicológico. Frustração não significa trauma. Ao contrário, ela é indispensável, desde que não ultrapasse os limites de tolerância já habituado pela criança. O que traumatiza é a frustração que ultrapassa a capacidade de tolerância já elaborada pela criança. E o que causa estrago é o exagero no “não” ou no “sim” (FREUD, 1986, *apud* FERREIRA, 2009).

De acordo com Goldstein (2000) as famílias, tendo a importante função na educação dos filhos, não sabem como trabalhar limites com os filhos, ou por ignorar como orientá-los, ou por não desejar educá-los como foram educados antigamente pelos seus pais.

Muitos ainda optam por permitir tudo, sem combinações ou regras, deixando a criança fazer o que deseja por sentirem-se culpados por se ausentarem por tanto tempo devido à questão da necessidade de trabalhar, outros pelo cansaço diário.

Há pais que não estabelecem nenhuma regra, não fazem nenhum trato, que poderiam ser do agrado de todos e também para o ambiente se tornar mais saudável.

Segundo Polis (2006), é comum presenciar cenas de crianças de tenra idade e enorme agressividade na fala, gestos e olhares. É bom recordar que muitas crianças convivem em lares sem estruturas, sem afeto, sem carinho e muitas vezes, essa criança é desrespeitada e humilhada pelos próprios pais ou responsáveis. Embora a voz de autoridade precise ser forte, isso não quer dizer que ela deva ser gritada, deva ser em tom alto. A voz de autoridade precisa impor respeito, mas jamais causar medo; precisa ser clara, sem ser agressiva; precisa sempre impor uma condição, mas sabendo se essa condição poderá ser cumprida; precisa ser firme, porém transmitindo muito amor.

Se for respeitada, a criança também respeitará. Será educada em suas ações se for assim incentivada a agir desde a primeira infância e essa atitude terá como resultado um indivíduo de caráter e educado.

Um dos problemas grave é que os filhos acabam sendo “terceirizados”, isso é, é legada a educação dos mesmos a outra pessoa que não o pai ou a mãe e por

ser assim, a pessoa incumbida da educação (creches, avós, babás) terminam por não ter nenhuma autoridade sobre a criança. Como já foi dito acima, os pais tentam compensar a culpa de sua ausência presenteando ou permitindo situações que não deviam. Com isso, deixam de exercer a autoridade, de colocar limites e o que é pior, embora a questão de limites não seja um problema somente relacionado à escola, alguns desses pais cobram essa postura da mesma. Uma postura que nem eles conseguem construir nos filhos.

Esse tipo de ação dos pais pode trazer sérias consequências também. Um bom exemplo dessa situação é quando a criança solta um palavrão e todos ao seu redor acham engraçado. Essa situação na cabeça da criança passou a ser algo permitido, algo legal que ela repetirá em todo lugar e momento, até chegar um momento em que será castigada ou repreendida pelo ato causando confusão sobre o que é certo ou errado.

No pensamento de La Traille (2006), os pais, muitas vezes pecam por acreditar que a criança é nova demais para entender esse ou aquele limite e cometem outro engano. A infância é o momento de vida onde a capacidade de aprender é enorme, basta ter amor e paciência para fazê-lo. Quando a família não encontra tempo ou condições para dar a base educadora e afetiva à criança, a mesma pode iniciar a vida escolar de maneira bastante fragilizada, ela pode demonstrar carências que ultrapassam o universo escolar.

A família que não propicia uma base sólida pode causar muitos efeitos negativos para a formação dos filhos. Crianças que não possuem base afetiva levam consigo incertezas e medos sobre suas condições de aprender que acabam se manifestando, negativamente, na aprendizagem.

A escola é vista como a extensão da família e juntas trabalhando, as duas instituições – família e escola – desempenham o papel de educadores. Na maioria das vezes, não é somente o domínio acadêmico que faz com que a criança obtenha solidez e confiança naquilo que faz. Atenção e amor também são fatores essenciais.

A escola é uma área onde a criança pode aumentar suas relações sociais e entende-se que as atividades lá desenvolvidas com a participação dos pais, geralmente, têm bons resultados no contexto educacional. Valoriza-se a qualidade das relações mais do que do tempo que os pais e filhos compartilham.

5. O QUE CABE A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Na Educação Infantil as crianças recebem atenção e cuidados e têm espaço para conhecer, explorar, brincar. Quando entra para a sala de aula, tem a disposição, materiais e brinquedos que estimulam a expressão artística e incentivam a imaginação. Na pracinha ou no parque se divertem brincando e pisando na areia. Ainda que não saibam ler já manuseiam os livros, balbuciam ou cantam canções batendo palmas. Essas são as atividades que compõe a rotina e o currículo da educação infantil. Nesta fase da vida, o conhecimento acontece por meio da interação com o colega e adultos, da imaginação e do faz-de-conta. O processo de socialização é um dos principais objetivos desta etapa que deve apoiá-la em seu desenvolvimento.

Conforme Polis (2006) além de ser responsável pelo desenvolvimento do conhecimento verbal, a escola, por sua vez, também, desenvolve um papel fundamental no estabelecimento dos limites infantis.

Partindo da ideia de que as interações sociais vivenciadas pelos indivíduos podem auxiliar tanto o desenvolvimento de valores éticos quanto a sua qualidade social e moral, a escola possui um papel essencial no processo de desenvolvimento moral nas crianças, pois é uma instituição socializadora. Neste sentido, precisa refletir sobre os seus métodos, porque esses podem contribuir tanto positivamente ou negativamente nas relações e como consequência na formação moral dos indivíduos nela inseridos.

Nos dias atuais, os pais saem para trabalhar e ficam ausentes diariamente, por conta disso, os filhos vão cada vez mais cedo para a escola, ainda quando estão na fase da educação familiar, o que termina culminando na indisciplina e na falta de limites, pois se entende que a criança passa a frequentar a escola para que a mesma lhe ofereça educação ou criação, acontecendo à inversão de papéis, o que era tarefa dos pais, passou ou acredita-se que passou a ser tarefa, exclusiva, da escola. Causando a deficitária formação moral e problemas de indisciplina, caracterizada pela falta de limites.

Assim, na concepção de Tiba (2000) é necessário que professores e pais passem por três estágios: o da conscientização do problema, a procurar possíveis soluções para resolver o mesmo e por fim, agir, no mais puro sentido da palavra. Não adiantará nada lamentar e reclamar sobre as possíveis dificuldades a serem

enfrentadas, o máximo que poderá acontecer é uma falha ainda maior na educação do seu filho. Admitindo a continuação de erros de gerações passadas.

A questão dos limites na Educação Infantil vem enfrentando um grande obstáculo pela família e pela escola, pois, se tem conhecimento que a teoria comportamentalista, baseada em punições e reforços, demonstra, há algum tempo, sinais de desgaste. Pensar na construção de limites, agora, é auxiliar a criança o exercício da autonomia para se expressar e de sensibilidade ao próximo para aceitar diferentes sentimentos e diferentes opiniões.

Para tanto, o professor precisa ter uma técnica especial para ser capaz de conduzir o educando por esse caminho de disciplina e de limite que deverá trilhar toda a vida à medida que for se aperfeiçoando constantemente nela. Só desse modo se perceberá transformações nos relacionamentos em geral, assim, os pais terão filhos seguros, maduros e cheios de orgulho de seus pais e da educação que tiveram e porque não salientar, as escolas terão alunos mais disciplinados que respeitam seus professores, que por sua vez sentir-se-ão mais motivados a seguirem o caminho árduo e prazeroso do ofício.

Conforme Freire (2004) a escola é um dos relevantes espaços sociais para a educação moral e para a colocação de limites, pois é nela que a vida social, em seu maior grau, acontece para a maioria das crianças desde pequenas. Por isso, a escola não pode, em nome de um relativismo moral ou em nome de uma neutralidade deixar de posicionar-se em relação aos valores morais ou éticos considerados mais importantes e urgentes para a socialização e dignidade dos seus alunos.

Para tanto, a educação que tem como base valores e comportamentos, pode realizar-se de diferentes formas, porém as mais duradouras e eficientes são aquelas relacionadas aos modelos recebidos e as práticas desenvolvidas em situações reais, fazendo com que a autonomia moral seja uma meta, que condiciona os meios na educação. Observa-se, então, que é inevitável dar limites aos comportamentos e que estes são essenciais para a formação das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento em que a escola vivencia situações de violência e indisciplina torna-se importante procurar compreender o contexto que serve para cultivar esses problemas. E, sem dúvida nenhuma, a falta de limite é um item que fortalece a existência de fatos tristes e fracassos escolares.

A sociedade atual assiste a mulher, que antes se encarregava basicamente da formação dos filhos, assumindo além do papel de mãe a da profissional, ocupando mais espaço no mercado de trabalho, o que de fato é um avanço, uma conquista, porém que acarreta a necessidade de que outras pessoas assumam, dividam o trabalho com os filhos. É comum as crianças serem deixadas aos cuidados da avó, da creche, da babá. À tarde, quando todos estão em casa, o cansaço domina e torna-se mais fácil cobrir a criança de mimos ou então, aos berros mandá-la quietar no seu quarto.

Assim, essa criança poderá não ter limites porque está acostumada a ter tudo que deseja e se for para o quarto, ela desenvolverá revolta que também poderá se transformar em indisciplina.

Entende-se, que está difícil cuidar dos filhos como se deveria. No entanto, a qualidade do tempo, mais que a quantidade dele é que fazem a diferença na formação dos filhos. É preciso que os pais acordem e compreendam que limite é algo que faz parte de suas tarefas educacionais. Não cabe a escola fazer esse papel.

Os pais precisam conscientizar que uma criança que tudo tem, sempre pretenderá a ter tudo fácil e a acreditar que ela tudo pode. A criança tratada com violência ou com uma educação muito rígida desenvolverá revolta e poderá se tornar uma criança com dificuldades de socialização, de respeito a regras.

Cabe sim, aos pais impor limites e para isso não é necessário surras e nem castigos sem medidas. É saber dizer sim e não no momento certo. O papel da escola é contribuir com a família para auxiliar na educação do seu filho, ou seja, ela irá aproveitar o que o filho aprendeu em casa para moldar mais ainda sua postura perante a sociedade.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, B. H. F. **Mini-Aurélio Escolar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, G. B. **A construção dos limites das crianças na educação infantil**. UFRS, 2009. Disponível em <http://peadalvorada09.pbworks.com/f/limites.pdf>. Acesso em 24 de julho de 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra S/A, 2004.

GOLDSTEIN, S. **Como desenvolver a Capacidade de Atenção da Criança**. Campinas: Papyrus, 2000.

LA TRAILLE, Y. de. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1994.

POLIS, C. **Filhos Autônomos, Filhos Felizes**. Editora Gente, 2006.

TIBA, I. **Disciplina, Limite na Medida Certa**. São Paulo: Editora Gente, 2000.